

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

VELHICE, IMAGEM CORPORAL E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

SIMONE MENDONÇA LAGE WELLING

*Mestre em Psicologia (PUC-MG). Pós-graduada em Psicanálise Aplicada à Saúde Mental (UNILESTE-MG).
Graduada em Psicologia (UNILESTE-MG) e Educação Física (ICMG-MG).*

Resumo: Neste texto, a autora faz um recorte da sua dissertação de mestrado intitulada *Eu, velho? Velhices e imagens corporais* para discutir o modo paradoxal pelo qual o corpo é tratado no mundo atual, quando a cultura privilegia a imagem da juventude e a longevidade ao mesmo tempo em que parece evitar a experiência de velhice enquanto fase de maior proximidade da morte e decrepitude do corpo.

Palavras-chave: corpo, imagem corporal, velhice

OLD AGE, CORPORAL IMAGE AND CURRENT WORLD

Abstract: In this text, the author brings an extract of her master's dissertation entitled *Me, old? Old Age for she discusses the paradoxical way in which the body is treated in current world, when culture favors the image of youthfulness and longevity and seems to want to keep away from the elderly experience as a life period closer to death and body decrepitude.*

Keywords: body, corporal image, old age

O mundo contemporâneo nos convoca a refletir sobre a velhice e a imagem corporal de modo articulado e pluralizado, a partir da noção de corpo para além do biológico. As noções de corpo, construídas historicamente até perto do final do século XIX, foram as de pecado e impureza, e equivalência ao conjunto de peças mecânicas, visão cartesiana, na qual corpo e alma eram concebidos separadamente (COURTINE, 2008). No século XX, o corpo adquiriu o estatuto de suporte da vida humana na relação de interação inseparável entre o sujeito e o seu corpo. Courtine (2008) aponta três momentos históricos que foram pilares fundamentais para essa construção: Primeiro, a invenção da psicanálise por Sigmund Freud ao decifrar a conversão histérica e preconizar o inconsciente como linguagem que “fala através do corpo” (COURTINE, 2008, p.7). Segundo, a elaboração de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Maurice Merleau-Ponty da noção de corpo como pivô principal do mundo, promovendo as abordagens filosóficas da fenomenologia ao existencialismo. Terceiro, a descoberta do corpo no campo da antropologia por Marcel Mauss que, no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), observou que o modo pelo qual a infantaria britânica marchava e cavava trincheiras era diferente do modo da francesa.

Atualmente, o corpo passa a ser constituído como aquele parceiro bacana de quem exige as sensações mais originais e vivências inusitadas, sendo considerado o aparato de marcas diferenciais e da juventude eterna (LE BRETON, 2007). É compreendido como objeto, limite e/ou espaço a ser cuidado e transformado através dos avançados recursos tecnológicos disponíveis na cultura que buscam incessantemente a longevidade e rejuvenescimento (LE BRETON, 2007). Dentre os muitos recursos já disponíveis, podemos destacar os cosméticos vendidos como fórmulas de ‘última geração’, os dispositivos cirúrgicos para correções e implantes estéticos, as práticas desportivas radicais e as técnicas de tatuagens na inscrição de imagens e adornos à ‘flor da pele’.

O corpo, na condição de limite, também pode ser compreendido como um dos modos pelo quais o indivíduo está perpassado pela noção de juventude conjugada à idéia ilusória de que a vivência da velhice pode ser adiada, evitada e, porque não dizer, imprópria para se viver. O termo juventude não está atrelado ao significado de idade e sim a um modo de vida cotidiana, “um território onde todos querem viver indefinidamente (SARLO, 2000, p.39). Ou seja, viver o mundo da juventude pode, de algum modo, mesmo que imaginariamente, afastar a dimensão inexorável de temporalidade da vida.

Nas entrevistas da pesquisa *Eu velho? Velhices e imagens corporais* há relatos que indicam que a idéia de se permanecer jovem, fascina. Os participantes da pesquisa afirmam não ter medo da morte tanto quanto da velhice, que é percebida, geralmente, como momento de senilidade ou fase da vida associada aos adoecimentos, debilidades e perda de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

autonomia e independência. Vale registrar que Beauvoir (1990) cita a existência deste tipo de percepção de velhice enquanto decrépita desde as civilizações anteriores ao século XX.

Os entrevistados relatam aceitar viver a velhice como uma fase da vida estabelecida e de efeitos visíveis no corpo físico, mas, quando vislumbrada nos outros, fazem certa comparação. Para ilustrar, Paulo, 74 anos, comenta sobre os ‘pés-de-galinha’ no rosto dos irmãos para dizer que ele não é tão velho quanto eles, pois, não tem essas rugas no rosto. Isso me convoca a retomar a frase: “Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.” (BEAUVOIR, 1990, p.12).

Porém, os sujeitos de pesquisa não gostam da nomeação de velho dada pelos outros, apesar deles mesmos se afirmarem velhos quando o significado lhes é considerado qualitativo. Pompeia, 78 anos, conta o ditado popular para dizer que, em tais circunstâncias, sempre se percebe velha: “Eles dizem, assim, que o velho acha que pode falar o que quer ouvir e o que não quer. Agora, se é assim, toda a vida eu fui igual”.

Os entrevistados também designam, em determinadas circunstâncias, características de velho e de modo pejorativo aos semelhantes, como, por exemplo, a Nádia, 91 anos, quando afirma: “eu tenho horror a estas velhinhas que não se cuidam”, supondo que essas pessoas, diferentes dela, tendem a relaxar com os cuidados corporais quando na fase da velhice.

Contudo, pareceu-me que, contraposto a esta noção de velhice depreciativa e predominante entre os sujeitos de pesquisa, a noção de juventude é construída de modo semelhante à preconizada na contemporaneidade: é possível permanecer jovem em qualquer idade. Mesmo que todos os entrevistados tenham relatado vontade de terem permanecido com a “pele lisinha” e “cabelos volumosos”, como também, tenham pontuado algumas partes do corpo nas quais poderiam submeter à correção estética, eles afirmam que não pretendem passar por uma intervenção cirúrgica para fins de rejuvenescimento. Eles



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

preferem cuidar da aparência utilizando-se de cremes, roupas modernas e/ou a prática de atividades físicas, e isso nos remetem à máxima de que há beleza em cada idade e, provocamos a refletir que, essa preconização da beleza/juventude perpassa pelo modo de vida dos sujeitos de pesquisa. Parece que eles perceberam que, atualmente, a imagem do corpo envelhecido é favorável quando vinculada aos cuidados corporais e ao dinamismo na vida. Inclusive, não dispondo do termo velho, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu três classes de idade na fase da velhice: “pré-idosos (entre 55 a 64 anos)”, “idosos jovens (entre 65 e 79 anos ou 60 e 69 anos para os que vivem na Ásia e região do Pacífico)” e “idosos de idade avançada (75 ou 80 anos)” (Brasil, 2007). Assim, parece que não resta mesmo muito espaço para se pensar enquanto velho, sendo, talvez, conveniente articular velhice à juventude. E, isso parece ser mesmo uma idéia tentadora, pois, os entrevistados revelam que, em certas circunstâncias, já até mentiram ter a idade cronológica maior do que a real porque, assim, as pessoas ficam admiradas com essa idade, eles [entrevistados] permanecem, por exemplo, vigorosos, bonitos e ativos. Ou seja, jovens.

Então, atualmente, velhice e imagem corporal estão, provavelmente, perpassadas pela noção de juventude, produzindo outros modos do sujeito envelhecido perceber-se em imagens corporais que retratam possibilidades de velhices. O trabalho formal e não formal, as relações sociais, as atividades físicas, as parcerias amorosas e/ou sexuais, aceitação da idade cronológica avançada e perspectivas de futuros são um dos aspectos relatados pelos entrevistados como fundamentais para manterem-se longevos e jovens.

Porém, mesmo diante desta perspectiva de juventude, há situações nas quais os entrevistados revelam-se horrorizados pela aparição da própria imagem envelhecida e na qual não se reconhecem, conforme relato de Pompéia, 78 anos: “Tem dia que eu me acho muita feia e tem dia que não. Me pego meio escondida no escuro, não dá para ver muita coisa não, eu fico me achando feia, cheia de rugas e mal penteada [...]. Mas passa também. É coisa de minuto. Não tem importância”. Podemos questionar: o que é revelado no espelho



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

para que Pompéia ora se sinta feia? Certamente, algo da sua imagem com a qual não se identificou. Os sentidos advindos por este descompasso reconhecido como algo assustador, estranho e/ou um horror nos remete à experiência revelada por Freud (1919/2006) ao defrontar-se com a imagem de um intruso no vagão de trem no qual estava viajando, causando-lhe certa antipatia e, depois, o sentimento de estranheza familiar quando percebe que a imagem do espelho era a dele própria. Este sentimento de estranheza familiar pode ocorrer, porque, segundo Mucida (2009), o espelho porta um engano quando a imagem refletida não comporta tudo aquilo o que realmente somos; apenas nos representa imaginariamente e, por isso, possibilita o aparecimento daquilo que não se quer ver e é particular para cada um de nós. Assim, podemos supor que talvez o estranho familiar com o qual Pompéia se encontra no reflexo do espelho esteja relacionado às marcas da velhice e/ou a perda da juventude no próprio corpo.

Para concluir, pode-se pensar que o corpo da velhice nos escancara a decrepitude física e a inevitável mortalidade, e o mundo contemporâneo, caracterizado na prioridade da cultura da juventude, narcísica, individualista e consumista oprime, de certo modo, para que as experiências de velhice dos entrevistados sejam, na maioria, não de velhos, mas de homens. Digo isso a partir de BOSI (2007, p. 18): “Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.”. Para finalizar, deixo outra reflexão:

“Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é opressor.” (BOSI, 2007, p.18).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 3ª ed.
- BRASIL (2000). **Idoso no mundo**. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/idoso_no_mundo.html>. Acesso em: 28 jun. 2007.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 253-340.
- FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: IMAGO, 2006. v. XVII, p.235-273.
- HOAIAISS, Instituto Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Editora objetiva Ltda. Versão 1.0.5a, nov. 2002.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 2. ed.
- MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga**: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. v. 3, p. 115-195.

Recebido: 26/05/2010

Aceito: 08/06/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br